

CASO PAI E FILHO ADOLESCENTE

Há alguns anos atrás atendemos a uma família no consultório para tentar ajudar o filho adolescente que estava com algumas dificuldades relacionais na escola. Já nas primeiras sessões percebemos uma certa distância entre o pai e o filho o que ensejou um pedido nosso para mini sessões individuais com os dois, uma prática da terapia familiar cujo objetivo principal é tirar algumas dúvidas a respeito dos conceitos individuais de um membro familiar, quando da ausência dos outros.

Na semana seguinte, vieram para a sessão, somente o pai e o filho. Enquanto o pai ficou na sala de espera, levamos o jovem para a sala de atendimento e, após a rotina natural sobre como foi a semana e como ele estava se sentindo, formulamos uma pergunta clara e direta que gerou o seguinte diálogo:

- O seu pai lhe abraça sempre?
- Às vezes!
- Quando?
- No meu aniversário, no natal...!
- É suficiente?
- Acho que sim, lá em casa não temos muito esse hábito de abraçar.
- E isso é bom?
- Não sei, mas sempre foi assim com ele. Com a minha mãe, nem tanto.
- Você gostaria de ser abraçado mais vezes pelo seu pai?
- Gostaria! (demonstrando vergonha ao baixar os olhos)
- Ele está ali na recepção, que tal falarmos com ele sobre isso agora?
- Eu não, fala você! (sugerindo que seria um “mico” ele fazer tal pedido)
- Posso falar, então, com ele sobre isso?
- Pode! (com cara de envergonhado mas com os olhos já lacrimejando).

Saiu o filho e entrou o pai que se sentou na mesma cadeira. Após os momentos rotineiros iniciais, fizemos as mesmas pergunta:

- O Sr. abraça sempre o seu filho?

- Sim, abraço!
- Quando?
- No natal, no aniversário dele...! (demonstrando surpresa)
- O Sr. Acha suficiente?
- Acho que sim, a gente não tem muito esse costume de abraçar...
- A gente?
- É! Meu pai quase nunca me abraçou e ele contava que o meu avô nunca o abraçou, e ele nem morreu por causa disso!
- O Sr. Gostaria de ter sido abraçado mais vezes pelo seu pai?
- Sim! (de cabeça baixa)
- E se eu lhe dissesse que o seu filho acabou de dizer a mesma coisa, que gostaria de ser abraçado mais vezes pelo Sr.?
- Ele disse isso?
- Sim, acabou de dizer!
- Bom...eu...
- O Sr. se disporia a abraçar o seu filho mais vezes?
- Sim, claro!
- Todos os dias, por exemplo?
- Claro, porque não?
- Posso trazê-lo para começar agora?
- Sim! (com os olhos também já brilhando de lágrimas)

Trouxemos o garoto da sala de espera e foi uma comoção total. Os dois se abraçaram com muita emoção e após alguns segundos nós três estávamos na sala chorando. Pedi licença e saí por alguns minutos recomendando que falassem sobre o tema abraço e sua importância.

Percebe-se uma realidade muito triste nesta história. Uma família precisou pagar a um estranho para aprender a se abraçar. Triste por se tratar de uma realidade crescente nas relações familiares no mundo todo. A ausência dos pais na vida dos filhos, por conta das exigências do competitivo mercado que obriga tanto o pai quanto a mãe a trabalharem fora, a se ausentarem muitas vezes por todo o dia, têm tirado de muitos a sensibilidade necessária para compreender as consequências futuras dessa distância afetiva dos filhos. Alguns, a exemplo do caso apresentado, acabam desaprendendo comportamentos essenciais na formação dos filhos como, por exemplo, o hábito do abraço.

Quando falamos em formação, não estamos nos referindo apenas à personalidade afetiva, que é de extrema importância no desenvolvimento social, mas também, das capacidades intelectuais dos nossos filhos.

Disse o filósofo Luis Carlos Restrepo:

“O cérebro necessita do abraço para seu desenvolvimento, e as mais importantes estruturas cognitivas dependem deste alimento afetivo para alcançar um nível adequado de competência”.